

● processo de renovação da geografia cultural foi, em grande parte, consolidado com a criação de periódicos especializados, *Géographie et Cultures* em 1992, e *Ecumene* em 1994. Foi consolidado também com a publicação de livros, entre eles *Re-Reading Cultural Geography*, organizado por K.E. Foote, P.J. Hugill, K. Mathewson e J.M. Smith e publicado pela University of Texas Press, Austin, em 1994, e *Géographie Culturelle*, de Paul Claval, publicado em 1995, em Paris, pela Editions Nathan (traduzido para a língua portuguesa como *Geografia Cultural* e publicado pela Editora da UFSC em 1999).

Ratificando a renovação e ao mesmo tempo ampliando o debate interno, enriquecendo, portanto, a geografia cultural, Don Mitchell lança, ao apagarem-se as luzes do século XX, o livro *Cultural Geography – A Critical Introduction*. Trata-se de um esforço de construção de uma geografia cultural crítica, profundamente calcada no materialismo histórico e dialético. Neste sentido, a geografia cultural é considerada por Don Mitchell como sendo

*(...) precisamente o estudo de como relações sociais particulares interceptam processos mais gerais, um estudo centrado na produção e reprodução de lugares, espaços e escalas reais e as estruturas sociais que fornecem significados aqueles lugares, espaços e escalas ... [p. 294].*

A geografia cultural tem, em realidade, uma nítida natureza política e deve intervir ativamente nas políticas culturais, de modo a contribuir para o estabelecimento da justiça cultural. O livro de Don Mitchell cumpre, assim, um relevante papel para aqueles geógrafos que acreditam que a geografia, econômica, política, social ou cultural, tem um importante papel

a desempenhar na busca de um mundo melhor, mais justo, no qual a preservação das diferenças culturais não signifique desigualdades sociais.

A estrutura do livro reflete a concepção da geografia cultural como sendo eminentemente política. Assim, a primeira parte intitula-se "A Política da Cultura", a segunda, metaforicamente, "A Paisagem Política", enquanto a terceira "Política Cultural".

A primeira parte constitui-se na construção da geografia cultural crítica, iniciando-se pela crítica à geografia cultural anteriormente estabelecida, prosseguindo com as bases da denominada nova geografia cultural, na qual a influência de Raymond Williams é notável. A visão da cultura como economia política que Don Mitchell desenvolve encerra a primeira parte do livro.

A paisagem cultural, vista como produção e representação, está no centro da segunda parte de *Cultural Geography*. A discussão envolve exemplos de paisagens diversas, entre elas a da Chinatown de Vancouver, Canadá, a igreja de Sacre-Coeur em Paris e a dos shopping centers. O autor, numa perspectiva crítica, atribui novos significados à paisagem, temática que se vê, assim, enriquecida.

A terceira parte, mais longa, focaliza as diversas políticas culturais expressas em práticas culturais distintas como as diversas manifestações populares da cultura, na sexualidade, no feminismo, nas relações interraciais e nas relações entre território, desterritorialização e identidade.

Trata-se, em realidade, de um esforço oportuno que abre à geografia cultural um novo papel, resgatando uma perspectiva crítica que, se não desapareceu de todo, precisava e merecia ser revigorada. Neste sentido o livro de Don Mitchell é uma enorme contribuição e certamente ocupará um significativo lugar no acervo que os geógrafos têm legado para interpretar a mútua ação humana sobre a superfície terrestre.

*Roberto Lobato Corrêa*

*Departamento de Geografia/UFRJ*